

VICTOR PELEVIN

ELSINORE



**HORROR**

# MITOSCELÂNEA

«Nenhum deles se apercebia  
de que o livro e o labirinto eram um só...»

— JORGE LUIS BORGES,  
*O jardim dos caminhos que se bifurcam*

**D**e acordo com uma definição, o mito é uma história tradicional, normalmente explicativa de um qualquer fenómeno natural ou social. De acordo com outra, é uma crença ou ideia largamente disseminada, mas fundamentalmente falsa. Esta dualidade de significados é reveladora. Mostra que, de forma bastante natural, consideramos falsas as histórias e explicações que nos chegam do passado — ou que, no mínimo, as tratamos com suspeição. Além de criar novos postos de trabalho no campo do jornalismo intelectual, esta atitude confere às nossas vidas um pouco mais de significado. O passado não é mais do que uma quimera de erros, e agora cá estamos nós para descobrir a verdade. Nós é que sabemos.

À estrada que nos separa do mito convencionámos chamar «progresso». Não se trata apenas de uma evolução científica, técnica ou política. O progresso empreende um constituinte espiritual maravilhosamente expresso por F. Scott Fitzgerald, no romance *O Grande Gatsby*:

[uma crença] no semáforo verde, no futuro orgiástico que, ano após ano, se recolhe perante os nossos esforços. Pode ter-nos escapado

até agora, mas isso não interessa para nada — amanhã correremos mais depressa e os nossos braços alcançarão ainda mais longe; até que, numa bela manhã...

Assim persistimos, quais barcos contra a maré, eternamente devolvidos ao passado.

Por outras palavras, o progresso é uma técnica de propulsão que nos obriga constantemente a empurrarmo-nos do ponto que ocupávamos no momento anterior. Contudo, isto não significa que passámos a viver sem mitos. Quer apenas dizer que vivemos de mitos instantâneos, com o conteúdo de uma bolha de sabão. Qualquer coisa pode tornar-se na nossa mitologia durante os proverbiais quinze minutos, até programas como o *Mythbusters* do Discovery Channel.

Esta visão do progresso não se alicerça na fé, como acontece nos cultos tradicionais, mas na ausência desta. Ainda assim, acontece que o conceito de progresso já cá anda há tanto tempo que acabou por incorporar todas as qualidades que definem um mito. É uma história tradicional que pretende explicar fenómenos naturais e sociais. É também uma ideia largamente disseminada e inteiramente falsa.

Foi o progresso que nos enfiou nestes cubículos, dos mais variados tamanhos e feitios, repletos de ecrãs luminosos. Mas começemos a analisar esta luminosidade de última geração em termos de conteúdo e estrutura, e acabaremos inevitavelmente por reconhecer o ponto de partida da jornada — o mito original. Pode ter adquirido uma nova forma, mas a sua essência manteve-se intacta. Podemos discutir se somos eternamente devolvidos ao passado ou incessantemente empurrados para o futuro, mas a realidade é que nunca chegámos a sair do mesmo sítio.

Até este reconhecimento é hoje uma história tradicional. Há muitos anos, Jorge Luis Borges escreveu que só existem quatro histórias, e que estas têm sido contadas e recontadas sem fim ao longo das épocas: o cerco à cidade, o regresso a casa, a demanda, e o (auto-)sacrifício

de Deus. É notável ainda que à mesma história possam ser atribuídas diferentes categorias de acordo com diferentes perspectivas: aquilo que, para Teseu, constitui uma heróica demanda seguida do seu regresso a casa, representa para o Minotauro um brutal sacrifício divino. Talvez existam mais do que apenas «quatro ciclos», como Borges lhes chamou, mas o seu número é indubitavelmente finito e todas as suas variações bem conhecidas. Não vamos inventar nada de novo. E porquê?

É aqui que chegamos à terceira definição possível de «mito». Se imaginarmos a mente como um computador, então os mitos são como os seus programas de base: conjuntos de regras e instruções que seguimos à letra no nosso processamento do mundo quotidiano, matrizes mentais que projetamos sobre eventos complexos para lhes imbuirmos significado. Os programadores informáticos dizem que é preciso ser-se jovem para conseguir escrever código. Parece que a mesma regra se aplica ao código cultural. Os nossos programas foram escritos quando a raça humana era jovem — numa época tão remota e obscura que já não somos capazes de entender a linguagem de programação utilizada. Ou então, e pior ainda, entendemo-la de tantas formas e a tantos níveis diferentes que a questão do significado deixou simplesmente de fazer sentido.

Porque terá sido o Minotauro dotado de uma cabeça de touro? Em que pensará, e de que forma? Será a sua mente uma função do seu corpo, ou não passará o seu corpo de mera imagem mental? Estará Teseu dentro do Labirinto? Ou é o Labirinto que se interna em Teseu? Talvez ambas as hipóteses? Nenhuma delas?

Cada resposta dada significa percorrer uma via diferente. Muitos houve já que afirmaram conhecer a verdade. Até hoje, ainda ninguém regressou do Labirinto. Desejo-lhe um bom passeio. E, caso se cruze com o Minotauro pelo caminho, nunca lhe muja. É considerado altamente ofensivo.

# O ELMO DO HORROR

**P**ublicado por ARIADNE, às xxx:xxx (G.M.T.), do dia xxx de xxx  
xxx (A.E.C.).

*Construirei um labirinto onde possa perder-me, juntamente com todos  
aqueles que tentem encontrar-me – quem disse isto e a que se referiam?*

:)

**Organizm(-:**

O que se passa? Está aí alguém...?

**Romeo-y-Cohiba**

Estou eu.

**Organizm(-:**

Então, que se passa por aqui?

**Romeo-y-Cohiba**

Não faço a mínima. Sabes tanto quanto eu.

**Organizm(-:**

Ariadne, estás aí?

**Romeo-y-Cohiba**

Quem é essa?

**Organizm(-:**

Foi ela quem iniciou este tópico. Pelo visto, isto não é a Internet. Até pode parecer, mas não existem hiperligações para mais lado nenhum.

**Romeo-y-Cohiba**

xxx

**Organizm(-:**

Olá! Se alguém conseguir ler isto, por favor, responda.

**Quebra-Nozes**

Eu consigo ler o que escreveste.

**Organizm(-:**

Quem publicou a primeira mensagem?

**Quebra-Nozes**

Já está no ar há bastante tempo.

**Romeo-y-Cohiba**

Como é que sabes? Não tem data.

**Quebra-Nozes**

Já a tinha visto há três horas.

**Organizm(-:**

Atenção à chamada. Só cá estamos eu, o Quebra-Nozes e o Romeu, certo?

**Romeo-y-Cohiba**

Correto.

**Quebra-Nozes**

Ou, pelo menos, somos os únicos interessados em participar.

**Romeo-y-Cohiba**

Certo, então temos aqui três pessoas.

**Quebra-Nozes**

Pois, e o «aqui» é onde, exatamente?

**Organizm(-:**

Como assim?

**Quebra-Nozes**

Literalmente. Podes descrever onde te encontras neste preciso momento? Estás num quarto, num corredor, numa casa? No buraco do xxx de alguém?

**Romeo-y-Cohiba**

Bem, estou numa espécie de quarto. Ou cela, é difícil perceber o que é mais correcto. Não é muito espaçoso. Paredes verdes, candeeiro branco no teto. Uma cama encostada a uma das paredes e, do lado oposto, uma secretária com o teclado que estou a utilizar para escrever isto. O teclado está rigidamente afixado à secretária. Acima da secretária tenho um ecrã LCD, encastrado na parede atrás de um espesso painel de vidro, onde aparecem todas estas mensagens. O vidro é inquebrável, já tentei. O quarto tem duas portas, uma delas feita de um estranho metal verde-escuro. Está trancada e tem uma secção saliente a meio. A outra porta é de madeira, está pintada de branco e dá para uma casa de banho. Está aberta.

**Organizm(-:**

Eu cá tenho tudo como o Romeu. Uma porta metálica trancada, com um tipo qualquer de desenho em relevo. Uma casa de banho



estilo hotel com sabonetes, gel de banho e champô na prateleira sob o espelho. Tudo em embalagens marcadas com um símbolo esquisito – parece a miniatura de uma roda dentada. Então e tu, Quebra-Nozes, onde é que estás?

**Quebra-Nozes**

No mesmo tipo de quarto. Acho que a porta é feita de bronze fundido. Mas olha, Organismo, o símbolo do sabonete parece-me mais uma estrelinha do que uma roda dentada. Na verdade, parece-se mesmo é com aquele símbolo que utilizam nos livros para as notas de rodapé. Está impresso até no papel higiénico, em todas as folhas.

**Romeo-y-Cohiba**

Então estamos todos no mesmo hotel. Vamos lá tentar bater nas paredes. Ouvem alguma coisa?

**Organizm(-:**

Não.

**Quebra-Nozes**

Nem eu.

**Organizm(-:**

Vou experimentar bater na porta, fiquem à escuta.

**Romeo-y-Cohiba**

Eu não ouço nada.

**Organizm(-:**

Então e como é que viemos aqui parar?

**Romeo-y-Cohiba**

Só posso falar por mim, mas não faço a mais pequena ideia. E tu, Organismo?

**Organizm(-:**

Eu acordei aqui, vestido neste robe todo pipi e sem nada por baixo.

**Quebra-Nozes**

Não é um robe. É um quitão — o tipo de túnica vestida pelos Gregos da Antiguidade, portanto não vou debater a tua opinião sobre a peça. Acho que eles também não usavam roupa interior.

**Romeo-y-Cohiba**

Ainda bem que está quentinho aqui, então.

**Organizm(-:**

Então e tu, Quebra-Nozes, lembras-te de como vieste cá parar?

**Quebra-Nozes**

Não, não me lembro.

**Romeo-y-Cohiba**

Porque é que vocês têm nomes tão estranhos — Organizm, Quebra-Nozes?

**Quebra-Nozes**

E tu, ó Romeu, porque é que tens um nome tão esquisito? O teu *cohiba* é grande e grosso e dá três voltas ao pescoço?

**Romeo-y-Cohiba**

Suponho que dependa de com o de quem o compararmos. De qualquer forma, não fui eu que inventei o nome. Limita-se a aparecer no ecrã

quando envio uma mensagem. Não me chamo Romeu, mas xxx. Sou xxx profissional, caso alguém tenha interesse.

**Organizm(-:**

Indústria porno? Uma ocupação socialmente edificante. Somos quase colegas, Romeu — sou um xxx. Costumava trabalhar no xxx.com, portanto estou temporariamente sem trabalho. Mas parece-me que não corres o mesmo perigo.

**Romeo-y-Cohiba**

Como é que chegámos à indústria porno? E que raio são todos estes «x»?

**Quebra-Nozes**

Não é a primeira vez que aparecem. É o censor. Há alguém a vigiar a nossa conversa. E parece que não gosta quando tentamos trocar informação acerca da nossa identidade. Ou quando começamos a dizer asneiras.

**Romeo-y-Cohiba**

Olha lá, quem quer que sejas! Exijo que me deixes contactar a minha família de imediato! E a embaixada xxx!

**Quebra-Nozes**

Que te leva a crer que existe uma embaixada xxx por aqui?

**Romeo-y-Cohiba**

Há uma embaixada xxx em todo o lado.

**Quebra-Nozes**

Tens a certeza? Então e se estivermos em xxx?

**Organizm(-:**

Pelo visto vocês conseguem entender-se sem palavras. Mas eu não percebo qual é a embaixada xxx, nem onde fica xxx, nem se lá existe ou não uma embaixada. Nem por que xxx querem vocês uma em primeiro lugar.

**Monstradamus**

Viva, posso juntar-me à vossa discussão?

**Organizm(-:**

Quem és, Monstradamus?

**Monstradamus**

xxx. Vivo em xxx e sou xxx de profissão.

**Romeo-y-Cohiba**

Talvez devesse tentar algo um pouco mais original?

**Monstradamus**

Li todas as mensagens deste tópico. Estou na mesma situação, no mesmo quarto, na mesma roupa finória. E, tal como os restantes, também não me lembro de como vim cá parar.

**Quebra-Nozes**

O. K., então somos quatro agora. Está melhor.

**Organizm(-:**

Melhor porquê?

**Quebra-Nozes**

Talvez em breve comecem a aparecer mais pessoas. Quantas mais cabeças juntarmos, melhores as hipóteses de conseguirmos desvendar o que se passa.

**Organizm(-:**

Então e se tivermos simplesmente morrido?

**Quebra-Nozes**

Nada de pânico! Os mortos não andam por aí à conversa em fóruns de discussão.

**Organizm(-:**

Não sabemos se isso é verdade. Se calhar não fazem eles outra coisa.

**Romeo-y-Cohiba**

Se o Além é isto, confesso-me desapontado.

**Quebra-Nozes**

Vamos lá discutir a situação. Para já, sugeria que não tomássemos em conta a tese do Organismo sobre estarmos todos mortos.

**Organizm(-:**

Talvez seja um sonho, então?

**Romeo-y-Cohiba**

Belisca-te. Pode ser que acordes. Eu já experimentei e não funcionou.

**Quebra-Nozes**

Certo, então... Todos nós temos uma porta de bronze. Vamos lá tentar perceber o desenho em relevo. É uma figura meio retangular, com as arestas superiores e inferiores dobradas para dentro e as laterais dobradas para fora.

**Organizm(-:**

Parece um morcego. Ou o símbolo do Batman.

**Romeo-y-Cohiba**

Eu diria que é um machado de duas cabeças.

**Organizm(-:**

Pode ser que não passe de decoração, sem qualquer significado. Mas o Romeu dizer que lhe parece um machado também me fez pensar o mesmo. Os fascistas costumavam ter destes machados – ou seriam os Romanos Antigos?

**Monstradamus**

A ser um machado, a sua proveniência é muito mais antiga do que Roma. Este tipo de machado já era utilizado em Creta e no Egito Antigo.

**Organizm(-:**

Com que então és historiador, Monstradamus?

**Monstradamus**

Não. Sou xxx.

**Organizm(-:**

Ah, pois. Já me tinha esquecido.

**Ariadne**

Olá. Fico aliviada por ver que não estou aqui sozinha.

**Organizm(-:**

Ora viva, querida.

**Romeo-y-Cohiba**

Onde há rapazes, também tem que haver raparigas. Olha, acabam de me aparecer nas paredes uns raios de luz engraçados em tons arco-íris.

**Monstradamus**

Que estranho, também os tive. Ou talvez tenha sido truque da imaginação.

**Quebra-Nozes**

Ariadne? És a mesma pessoa que deu início a este tópico?

**Ariadne**

Sim. Mas ninguém respondeu e acabei por adormecer.

**Monstradamus**

O que é que te levou a escrever aquela frase acerca do labirinto?

**Ariadne**

Estava a tentar lembrar-me da sua origem, mas não consegui. Tinha a distinta impressão de se tratar de algo com a maior importância.

**Monstradamus**

Quem és tu e como chegaste aqui?

**Ariadne**

Encontro-me exatamente na mesma situação que vocês.

**Organizm(-:**

Nesse caso, já sabemos tudo sobre ti. O teu nome verdadeiro é xxx, tens xxx anos e vens de xxx.

**Ariadne**

Eu já sei o que aqui se passa.

**Quebra-Nozes**

Como?

### **Ariadne**

Vi tudo num sonho.

### **Romeo-y-Cohiba**

Não me parece que seja a fonte de informação mais fidedigna.

### **Monstradamus**

Eu cá não me importava de ouvir. Conta lá.

### **Ariadne**

Vi-me numa cidade antiga. Daquelas mesmo muito antigas. Do tipo que deviam construir há milhares e milhares de anos. Era tudo lindíssimo. Estradas pavimentadas com pedregulhos lisos, paredes de pedra cobertas por cortinas vivas de uma qualquer planta trepadeira com flores em rosa-pálido. As portas e janelas estavam trancadas em todas as casas, mas não conseguia escapar à sensação perdurante de que alguém me observava. Vagueei pelas ruas durante o que me pareceu imenso tempo, mas não encontrei ninguém. Até que, na encruzilhada à minha frente, comecei a vislumbrar um anão que envergava trapos cinzentos e um estranho chapéu de orla larga com a coroa redonda. Sempre que o via, ele virava de imediato uma esquina, como se conseguisse sentir o meu olhar a abater-se sobre ele. Isto repetiu-se vezes sem fim, mesmo muitas e muitas vezes. Eventualmente percebi que não era ele quem se escondia de mim; o ritmo dos seus movimentos estava simplesmente ligado ao ritmo dos meus, portanto era impossível vislumbrá-lo por mais do que aqueles segundos. Não me perguntem como percebi isto, num sonho tudo tem a sua própria lógica. Comecei a tentar ajustar-me ao ritmo, de forma a conseguir olhar melhor para o anão. Ao optar por ruas mais largas e direitas, conseguia mantê-lo no meu campo de visão durante mais tempo. Mas a maioria das ruas eram estreitas e curvilíneas — a forma como se interligavam resultava num verdadeiro labirinto. Dei-me então conta de que, na realidade, existiam dois anões distintos, embora fosse fácil confundir o segundo



com o primeiro. Estava vestido exatamente da mesma maneira, nuns trapos velhos, só que a orla do seu chapéu estava virada para cima num dos lados. Pouco a pouco, ganhei a certeza de que havia mais alguém a acompanhá-los mas, por mais que tentasse, não consegui ver a terceira pessoa. Por vezes, vislumbrava algum pormenor da sua capa negra quando se escapava pela esquina. Parecia-me que o mais lógico seria encontrar o caminho de volta à rua principal — esta seria larga e comprida, o que me permitiria vê-los a todos...

### **Romeo-y-Cohiba**

De que nos serve ouvirmos tudo isto?

### **Monstradamus**

Não interrompas, se faz favor. Que aconteceu então, Ariadne?

### **Ariadne**

Lá fiz o meu caminho até à rua principal. Havia uma longa fila de palmeiras encanteiradas que dividia a rua ao meio. Lembro-me que o que me pareceu mais espantoso foi o facto da folhagem ter amarelado por toda a parte, quer dizer, era pleno outono e ali estavam aquelas palmeiras verdejantes.

### **Quebra-Nozes**

Quer dizer, começaste com flores cor-de-rosa e agora, de repente, é outono e as folhas são amarelas.

### **Ariadne**

Sim, o outono instalou-se enquanto eu perseguia o anão. Achei até que ele o tinha feito de propósito para me estragar a boa disposição e assim prevenir que o alcançasse. A rua principal estava deserta. Cheguei a uma grande praça que tinha uma fonte com estátuas de bronze lá plantadas. Pelo estilo, calculei que fossem tão antigas quanto a própria cidade, mas o assunto das esculturas mais parecia saído de um daqueles

filmes de animação japoneses — adolescentes nuas estranguladas por tentáculos que se enroscavam à volta dos seus corpos. Ou cobras...

### **Quebra-Nozes**

O que é que a animação japonesa tem que ver com o que quer que seja?

### **IsoldA**

Ela está a falar de *hentai*. Miudinhas violadas por demónios com tentáculos. É um tema persistente da pornografia virtual japonesa.

### **Monstradamus**

Exprime a frustração subconsciente reprimida pelos japoneses, resultante da derrota na Segunda Guerra Mundial. Nestes desenhos animados, a menina violada representa o espírito nacional japonês e o monstro, do qual brota uma multiplicidade de tentáculos fálicos, representa a economia corporativa de modelo ocidental que prevalece no mundo contemporâneo.

### **Quebra-Nozes**

Ou, se calhar, são mesmo só polvos...

### **Monstradamus**

Polvos? Que original. Nunca me passaria pela cabeça.

### **Organizm(-:**

Olhem lá, quem é esta Isolda? Alguém novo?

### **IsoldA**

Sim.

### **Romeo-y-Cohiba**

Bem-vinda ao nosso pequeno mundo, Isolda. Temos muito gosto em conhecer-te.

**Isolda**

Obrigada, Romeu.

**Organism(-:**

És bonita?

**Romeo-y-Cohiba**

Calminha contigo, Organismo.

**Quebra-Nozes**

Isolda, lembras-te de algo que possas adicionar à súmula da nossa experiência?

**Isolda**

Não.

**Monstradamus**

Nesse caso, e se ninguém se opuser, a Ariadne pode continuar o relato.

**Ariadne**

Percebi que teria de me aproximar da fonte para conseguir ver ambos os anões. Não me perguntem como aconteceu; tornou-se subitamente claro, é só. Quando cheguei à fonte, virei-me de costas para ela e encostei-me contra a parede. À minha frente havia um edifício com uma colunata — uma construção enorme e deprimente, o telhado coberto por superestruturas horrorosas. Ocorreu-me que pudesse ter ardido há já muito tempo e que nada tivesse sobrevivido senão o esqueleto de pedra, desde então alvo de múltiplas intervenções no sentido de reparar o edifício e restaurar-lhe a vida. Mas ainda se vislumbavam os traços da catástrofe por entre os restauros e camadas de tinta, e dava para perceber que o edifício estava não só morto como também vazio...

«Construirei um labirinto onde possa perder-me,  
juntamente com todos aqueles que tentem  
encontrar-me – quem disse isto e a que se referia?»

Ariadne, Teseu e um grupo de sete jovens, o mesmo número que, segundo o antigo mito grego, deveria todos os anos ser sacrificado ao Minotauro, estão prisioneiros num estranho labirinto no interior da Internet, confinados a um *chat room*, procurando a todo o custo sair deste labirinto virtual e regressar ao mundo real. Aos poucos, à medida que o diálogo avança, torna-se evidente que uma força oculta, um misterioso monstro e o seu temido Elmo do Horror, manipula o conteúdo das mensagens, controlando o destino de todos.

Ligando a antiga Grécia a Freud e aos horrores do subconsciente, e as narrativas tradicionais ao modo como comunicamos no século XXI, Pelevin reinventa o passado e interpreta o futuro da literatura num empolgante jogo de sombras e reflexos.

«Uma visão pós-moderna e genial dos conceitos de mito,  
mente e significado.»

*The Times*

«Pelevin é um escritor extremamente inventivo, com um olhar  
contundente e mordaz e uma sensibilidade anárquica.»

*The Guardian*

<b>ELSINORE</b> entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8664-47-5  9 789898 864475 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO <a href="http://WWW.ELSINORE.PT">WWW.ELSINORE.PT</a>	